



*Em 6 de junho, comemoram-se os 60 anos do desembarque aliado na Normandia, o dia em que Hitler começou a perder. Festa na França vai reunir Bush, Blair, Chirac, Putin e Schroeder. O que o mundo aprendeu seis décadas e 60 milhões de mortos depois?*

LONDRES - As praias frias da Normandia, no norte da França, acolhem, no dia 6 do mês que vem, os líderes dos países aliados que contribuíram com tropas para o desembarque maciço no continente europeu, com a missão de combater os nazistas de Adolf Hitler. Comemoram-se, na data, os 60 anos do evento-chave da fase final da Segunda Guerra Mundial: o Dia D.

Descontados os imprevistos de última hora, George Bush e Tony Blair estarão lá, ao lado do primeiro-ministro canadense, Paul Martin, e do anfitrião francês, Jacques Chirac. Até o presidente da Rússia, Viadimir Putin, foi convidado, pois, embora os russos não tenham participado do Dia D, lutavam contra o mesmo inimigo nazista no outro lado da Europa. A surpresa neste aniversário será a presença, pela primeira vez, do ex-adversário alemão, graças ao convite ao chanceler Gerhard Schroeder, que prometeu ir, o que é entendido como símbolo de reconciliação num palco de lembranças sangrentas.

Por ironia, o encontro da Normandia ocorre em fase de rugas e mal-entendidos entre velhos aliados e ex-adversários, desta vez divididos pela atuação anglo-americana no Iraque, contestada com vigor por franceses e alemães. As cerimônias na França vão assegurar uma fachada de solidariedade e perdão, com a unidade na luta contra o mal, mais de meio século atrás. Pelo menos durante um dia, à beira-mar, as sérias divergências políticas de hoje poderão ficar na geladeira.



Na praia francesa, com cenário provável ao gosto de O Resgate do Soldado Ryan ao fundo, Bush poderá interpretar seu papel favorito de líder militar, imagem útil em ano eleitoral, sobretudo quando o desenrolar da verdadeira guerra, no Iraque, não está obedecendo ao roteiro escrito pela Casa Branca. Chirac vai fazer força para destacar o papel da resistência francesa aos invasores nazistas, mitologia alimentada com grande imaginação

depois da libertação do país por forças estrangeiras - entre elas, soldados americanos, que morreram às pencas na Normandia para liberar a França. Afinal, alguém tinha de fazê-lo porque o país se rendeu aos nazistas sem lutar. A cortesia recomenda não lembrar o comentário do presidente Lyndon Johnson quando foi avisado, nos anos 60, de que o governo francês, ao rejeitar o

comando da Otan pelos Estados Unidos, exigiu que nenhum soldado americano ficasse em solo da França: "Isso inclui os que estão enterrados na Normandia?", indagou Johnson.

Blair, por sua vez, poderá lembrar a coragem de seus compatriotas, que resistiram sozinhos, na Europa, à máquina de guerra nazista. Putin terá oportunidade de corrigir: os soviéticos também resistiram (depois de dois anos de contemplação distante, admita-se), perderam mais homens do que qualquer outro país aliado e, atacando pela frente oriental, foram indispensáveis na vitória final contra os alemães. Schroeder será esperto se não abrir a boca ou apenas enfatizar o espírito de reconciliação. Fazendo sombra a todos eles, estará a lembrança dos líderes em seus respectivos países no Dia D: gigantes como Franklin Roosevelt, Winston Churchill, Charles de Gaulle, além de - nem que fossem gigantes do mal - Josef Stálin e Adolf Hitler. Vem à mente a famosa frase de Norma Desmond (Gloria Swanson), em O Crepúsculo dos Deuses, explicando sua grandeza como estrela no passado: "A tela é que ficou pequena".

Do Nazismo ao Terrorismo Hoje, quando o inimigo internacional é o terrorismo de Osama bin Laden, o aniversário do Dia D permite refletir sobre uma era de ameaça ao mundo por outra força sombria: o nazismo de Adolf Hitler. Ao se enfrentarem fanatismo e tiranias de outras espécies em 2004, é útil reexaminar - a tarefa jamais termina - como surgiu e progrediu o totalitarismo nazista sob o comando de seu líder máximo. Nunca se sabe quando podem surgir imitações. Hitler chegou ao poder legalmente, escolhido para chefiar o Parlamento alemão como líder de seu pequeno partido, que se dizia nacional-socialista, e conquistou logo a devoção fanática do povo alemão. Demorou apenas seis meses para assumir poderes ditatoriais. Em 1939, deslançou a mais sangrenta guerra da história, com 60 milhões de mortos.

Cinquenta e nove anos se passaram desde o suicídio de Hitler, em 1945, sob desespero da derrota iminente, mas, até hoje, o fascínio do público com o tirano e com o período nazista não parece ceder. Livros, filmes, documentários, artigos na imprensa mundial - a exemplo deste - voltam regularmente ao tema. Existe até o perigo de trivializar e glamorizar o nazismo e seu líder máximo - por ideologia, preconceito ou ignorância -, mas o esforço contínuo de historiadores é buscar explicações para o que ocorreu. O exame do totalitarismo daquela época pode ajudar a entender o extremismo de hoje, quando menos porque ambos representam esforço de impor ao mundo o que seus militantes consideram verdade absoluta.

Nessa busca de entendimento do período nazista, poucos conseguem iluminar melhor o tema do que o historiador britânico Ian Kershaw, considerado a maior autoridade viva em nazismo e Hitler. Ele mora em Sheffield, norte da Inglaterra, e dá aulas na universidade local. Conversamos em Londres. É autor da vasta biografia em dois volumes do líder nazista: Hitler-Hubris: 889-1936 (W. W. Norton, Londres) e Hitler-Nemesis: 1936-1945 (Allen-Lane, Londres).

A obra se beneficia de novos documentos descobertos nos arquivos soviéticos depois da implosão comunista, sobretudo os diários completos de Joseph Goebbels, o assessor que lidava com Hitler no dia-a-dia, ouvia e anotava as instruções e os pensamentos do Führer. Os soviéticos capturaram grande parte dos documentos oficiais nazistas, pois foram os primeiros a chegar a Berlim e a tomar a capital do Terceiro Reich.



Louco ou Genial? Nem gênio nem doido, conclui Kershaw sobre Hitler, depois de muitos anos de estudos. Segundo o historiador, o líder nazista não era um político brilhante, porque operava na base do risco, e tomava decisões impulsivas, sem planos alternativos, o que acabou empurrando seu país para o desastre. Apesar de excêntrico, Hitler não era maluco, diz Kershaw, e sim fanático em sua ideologia e em suas convicções preconceituosas, resultado de uma formação solitária e uma visão conspiratória.

Hitler era preguiçoso ao ponto da irresponsabilidade, revela o historiador; um homem sem vida interior, vaidoso, excêntrico, fisicamente frágil e "sexualmente

misterioso". O serviço militar na Primeira Guerra Mundial e a frustração da derrota alemã deram-lhe um senso de direção, um foco de protesto, e ele se animou ao encontrar boa receptividade para suas queixas: "Ele tinha um lado de ator e se alimentava do entusiasmo das pessoas que o ouviam", afirma.

O futuro líder ampliou aos poucos a plateia para seus discursos simplórios, que culpavam os judeus e os comunistas pelas agruras da Alemanha do pós-guerra, defendiam a superioridade da Alemanha, a inevitabilidade de uma guerra e a necessidade de território para uma expansão alemã. Graças a essa mensagem, ele se aproximou do incipiente Partido Nacional-Socialista, ou nazista, que o acolheu como um militante útil. Os dirigentes de então não previram sua habilidade em eliminar concorrentes até dominar partido, expandir o número de participantes e virar chefe do governo alemão, de forma legal, sem golpe. Em seis meses, neutralizou a oposição e tornou-se ditador, com apoio popular.

A Elite Kershaw avalia que Hitler só chegou ao poder graças à incompetência dos políticos alemães da época. E verdade que o país atravessava uma crise, mas os políticos poderiam ter criado um regime autoritário, talvez até sob comando militar, em vez de um estado policial terrorista, que provocou uma guerra mundial e tentou exterminar os judeus. Mas a elite escolheu Hitler e os nazistas. Por quê?

"É preciso imaginar a situação da Alemanha na época. Era uma sociedade e um sistema político em crise terminal. Não só porque as pessoas detestavam o governo, pois isso é comum. Ou porque havia crise econômica, também comum. Havia uma crise cultural completa. Pode-se até chamar de crise de legitimidade do sistema todo. A elite também estava dividida, não conseguia operar com a pluralidade de partidos e procurou alternativas autoritárias", explica o especialista.

Indagado se essa mesma elite não poderia ter procurado outro caminho, Kershaw responde: "A elite edema na indústria, no campo, na burocracia não conseguia vislumbrar uma solução que ignorasse Hitler e 'seu partido de 13 milhões de votos. Tentaram usá-lo, oferecendo-lhe uma posição subalterna no governo, mas ele impôs um tudo-ou-nada: só aceitava a chefia de governo, como primeiro-ministro [chanceler]. A elite poderia ter rejeitado, mas aceitou, achando que poderia controlar Hitler no governo. Em poucos meses, ele afastou todos os controles paralelos e conquistou o poder total".

O partido nazista tinha 850 mil membros quando Hitler assumiu o governo e logo se expandiu. Seus militantes de ação direta nas ruas, à base da força, passavam de 500 mil e logo ganharam simpatia de grande parte da população. Os que se opuseram, inclusive outros partidos, começaram a sofrer intimidação e repressão, acabando por fechar as portas. Os nazistas passaram então a governar sozinhos.

### **Riscos presentes**

Ian Kershaw não crê que um ditador à feição de Hitler fosse possível hoje, mas vê "elementos direitistas, fascistas ou extremamente autoritários" nos Estados modernos

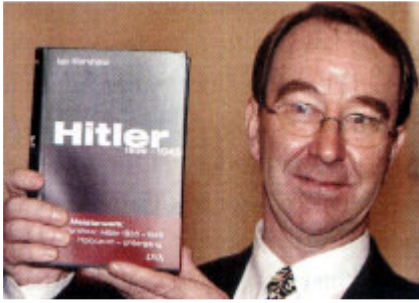
Primeira Leitura: No caso da Alemanha nazista e da Segunda Guerra, aquilo poderia ter ocorrido sem Adolf Hitler?

Ian Kershaw: Não. Acho que, se tentarmos situar Hitler em termos do que se passava na Alemanha naquela época, é improvável que um estado policial terrorista tivesse sido criado tão rapidamente; que, seis anos depois da chegada de um novo líder ao poder, o país estivesse em guerra; que, em oito anos, se cuidasse do extermínio dos judeus. Nesses aspectos, o papel de Hitler foi crucial. Muitas outras coisas teriam ocorrido sem ele, mas as principais e a mola de propulsão daquele regime só poderiam ter sido acionadas por Hitler.

Como o sr. o vê na comparação Stálin, também responsável pela morte de milhões?

Chocamo-nos mais com Hitler porque sabemos mais sobre os crimes dele e também porque ele cometeu barbaridades numa sociedade parecida com a

nossa, sofisticada, moderna, altamente culta. A Rússia era distante, difícil de penetrar, desconhecida, com uma história de tiranos ao longo dos tempos, e Stálin era mais um. Havia também a doutrina racial do nazismo, que nos choca



mais do que a doutrina socialista do stalinismo. Não quero parecer um cínico, mas a idéia de criar uma sociedade igualitária é, em si, nobre, embora a implementação tentada por Stálin tenha sido terrível. Já uma sociedade baseada num império racial não pode ser vista como objetivo nobre. Hitler exterminou 6 milhões de judeus pelo motivo exclusivo de serem judeus, e isso desperta um tipo especial de horror. Há uma diferença. As utopias têm

diferentes níveis de horror associados a elas.

Existem circunstâncias no mundo de hoje para o aparecimento de um outro Hitler?

Duas situações poderiam levar a isso: uma guerra de grandes proporções ou o colapso total do sistema capitalista moderno. Dá para imaginar que uma crise de legitimidade nos governos ocidentais estáveis poderia levar à ascensão de um líder desse tipo. Mas nem remotamente vejo uma dessas hipóteses se desenrolando atualmente. Portanto, não vejo circunstâncias no presente que poderiam levar a um novo Hitler.

E quanto a regimes autoritários?

O que existe hoje é um Estado extremamente poderoso, com a habilidade de se envolver numa forma de imperialismo, com apoio popular interno, sem precisar de regime extremos. À medida que os desafios às democracias ocidentais aumentam, vemos crescer elementos direitistas, fascistas ou extremamente autoritários, enquanto as pessoas se dispõem a ceder suas liberdades em troca de segurança.

O sr. visita a Alemanha com frequência, é testemunha de como tem sido intenso o debate lá sobre o período nazista. Os alemães discutem o assunto há meio século. O sr. acha que eles conseguiram exorcizar esse passado sombrio?

Acho que o progresso tem sido imenso, mérito, em grande parte, de gerações de pesquisadores, escritores e editores alemães que fizeram esse trabalho de forma tão extensa. Mas acho que os 12 anos de duração do regime nazista deixaram um trauma profundo que ainda não foi expurgado na Alemanha, geraram feridas que aparecem ao menor contato e vão exigir várias gerações para desaparecer completamente.

Dois terços da população alemã apoiaram as medidas autoritárias do governo e ajudaram a espionar ou denunciar quem mostrava sinais de oposição ao regime.

A Barbárie A Alemanha nos anos 30 e 40, um país de poetas, músicos, cientistas e filósofos, entrega-se aos poucos à barbárie, conduzido por um austríaco magricela, preguiçoso, arquiteto frustrado, de mente estreita e idéias preconceituosas. "Basta olhar para outros países, e veremos que gênio cultural não é prevenção contra a barbárie ou a adoção de formas de governo extremamente desagradáveis", adverte Kershaw. Que avança no exemplo: "Veja a Rússia, repleta de maravilhas em música e literatura, e ainda assim produziu Lênin e Stálin. Cultura não é barreira ao totalitarismo".

Mas o que intriga observadores não é tanto o radicalismo do líder, e sim a adesão dos alemães que o seguiram, inclusive os intelectuais. "O motivo é que, em 1933, quando Hitler chegou ao poder, a Alemanha parecia estar se autodestruindo, num processo de declínio cultural que parecia terminal. Hitler ofereceu uma forma de renascimento e regeneração nacional que se encaixou bem com as idéias da elite na época. Muitos acharam que ele criaria uma agitação, e outros entrariam em cena para assumir o controle. Sofreram uma grande desilusão."

Kershaw explica Hitler em termos de "liderança carismática", conceito criado pelo sociólogo alemão Max Weber para definir traços de um chefe que surge quando se busca alguém com características de herói, exatamente como a propaganda nazista. E, no comando, o líder carismático atua por fora das linhas

burocráticas, a exemplo do que ele fez ao se tomar Führer. A população alemã apoiou Hitler, e a comunidade internacional reagiu com indiferença às medidas arbitrárias que ele foi, aos poucos, adotando - inclusive o rearmamento, proibido pelo Tratado de Versalhes, imposto à Alemanha derrotada ao fim da Primeira Guerra Mundial.

Os EUA passavam por uma fase de isolacionismo e resistência a envolvimento no exterior. A União Soviética seguia o mesmo caminho e se apressou em assinar um tratado de não-agressão com Hitler. França e Reino Unido eram as únicas potências em condições de protestar e tomar alguma providência, mas não tinham uma política comum sobre como enfrentar a nova Herança alemã. Preferiram deixar o barco correr, na esperança (ou wishful thinking) de que Hitler limitasse suas ambições ao território alemão ou à vizinhança imediata de laços germânicos (parte da Checoslováquia e Áustria inteira). Em 1939, ele escancarou o jogo e invadiu a Polónia, dando início ao que iria se transformar na Segunda Guerra Mundial.

Um observador da política internacional poderia perguntar se a doutrina Bush de ação preventiva teria sido útil para conter Hitler, ou seja, se não era o caso de atacar a Alemanha antes de ela concluir seu processo de rearmamento e partir para a conquista de território vizinhos. "Acho muito perigosa essa opção de intervenção preventiva", diz Kershaw. "Nos anos 30, o direito internacional proibia isso. Pessoalmente, me oponho à intervenção unilateral dos Estados



Unidos no Iraque, com apoio do Reino Unido e alguns outros países, sobrepondo-se às Nações Unidas. Sou a favor de que as Nações Unidas decidam agir contra um país que esteja violando leis internacionais, mas acho que sempre devemos adotar o processo do direito internacional, e não arriscar a quebra da legalidade por meio de ataques preventivos."

Errada a guerra, Hitler parecia invencível, com suas forças conquistando um país atrás do outro, em ritmo relâmpago (blitz-krieg), sem muita resistência de adversários fracos ou indispostos a lutar, como a França, tomada, sem esforço, em seis semanas. Uma decisão militar e política, no entanto, confunde analistas até hoje: por que Hitler abriu uma frente de luta contra a União Soviética, que estava afastada do conflito por causa de um tratado de não-agressão entre Moscou e Berlim? "A motivação de Hitler foi, em grande parte, ideológica. Aquele era o conflito que ele sempre buscou", esclarece Kershaw.

Mas havia também motivos geopolíticos. No verão de 1940, poucas semanas depois de ter ocupado a França numa extraordinária campanha, ele convocou seus generais e deu-lhes ordem para preparar o ataque à União Soviética no ano seguinte. "Ele tinha chegado à conclusão de que não havia jeito de fazer acordo com o Reino Unido e que deveria evitar, naquele momento, uma guerra com os EUA. Na cabeça dele, a melhor maneira de fazer isso era destruindo a União Soviética. Subestimou maciçamente os soviéticos."

Hitler achava que poderia vencer a União Soviética em cinco meses, e seus generais se iludiam com menos tempo ainda, apenas quatro. Com os soviéticos vencidos, ele especulava que os britânicos aceitariam um acordo com os alemães, e os EUA continuariam fora da guerra. Ele poderia então consolidar suas forças e se preparar com calma para um confronto futuro com os americanos.

Surge então o outro paradoxo: por que a decisão de declarar guerra aos EUA no fim de 1941? "Ao contrário das previsões, a guerra contra a União Soviética não acabou em cinco meses e arrastou a Alemanha num conflito prolongado. O papel do Japão na Ásia tomou-se então importante, por causa das colônias britânicas naquela região. Não interessava a Hitler que o Japão abandonasse a guerra unilateralmente, e ele quis manter firme a aliança com Tóquio. Quando os japoneses atacaram a base americana em Pearl Harbor, sem que ele tivesse sido avisado, Hitler viu uma boa oportunidade para consolidar a aliança entre Alemanha e Japão."

Mas ele precisava ter declarado guerra aos Estados Unidos por causa disso?

"Era uma questão de tempo. Hitler sabia que não ia demorar para os EUA declararem guerra à Alemanha e, por questão de prestígio, preferiu tomar a iniciativa. Interessava a ele também ter carta branca para atacar navios americanos que carregavam suprimentos para o Reino Unido pelo Atlântico. Talvez tenha sido loucura, mas havia método nisso."

A guerra, que ia tão bem para os nazistas até 1941, começou a dar problemas a partir do ataque aos soviéticos e da declaração de guerra aos americanos. Estrategistas militares se perguntam até hoje se Hitler não poderia ter conduzido melhor as operações e até vencido a guerra. "Com Hitler no comando supremo, é difícil imaginar decisões diferentes das que foram tomadas. Se você examina os planos da Marinha alemã, percebe que eram diferentes dos de Hitler. Os oficiais não se interessavam por uma guerra de solo contra a União Soviética. Preferiam construir uma enorme frota para atacar o Império Britânico e depois os EUA, e também conquistar colônias no norte da África, forçar os britânicos para fora do Mediterrâneo e do Oriente Médio, tomando posse das fontes de petróleo por lá. Se quisessem, poderiam atacar a União Soviética pela Turquia. Era outra forma de loucura, porém diferente da de Hitler e até mais global. Mas Hitler tinha de agir como fez porque, segundo sua maneira de pensar, havia uma lógica interna em seu método."

Em 6 de junho de 1944, forças americanas, francesas (as poucas no exílio), canadenses e britânicas, com pitadas de outras nacionalidades, reunidas no sul da Inglaterra, avançaram pelo canal da Mancha e deslançaram a invasão do continente europeu para enfrentar os nazistas no solo. O ataque era mais do que previsto pelos alemães, e a única dúvida era dia e local do desembarque aliado.

Quando a invasão começou, naquele dia nublado de verão europeu e na costa da Normandia, os generais nazistas deram o alarme. Mas Hitler cismou que se tratava apenas de tática diversionista dos Aliados para uma operação de verdade em outra parte do litoral francês, provavelmente mais ao norte. Quando o ditador teimoso percebeu que os inimigos já estavam no solo e batiam à sua porta, era tarde demais. Em pouco menos de um ano, diante da derrota inevitável de seu delírio nazista, Hitler suicidou-se em Berlim com um tiro na cabeça. Poucos dias e 60 milhões de mortos depois, a Alemanha se rendeu, e a guerra na Europa acabou.

